

# A DIFÍCIL ARTE DO ENSINO DA LEITURA EM SOLO BRASILEIRO

**Priscila da Rocha Celestino**  
Universidade Estadual de Campinas  
priss\_celes@yahoo.com.br

*Eles leem, mas não compreendem* foi a afirmação ouvida por Élie Bajard durante os seus anos de pesquisa na área da educação no Brasil. Esse livro é a resposta do pesquisador a essa indagação de professores alfabetizadores por todo o país.

Já no prefácio, o organizador Dagoberto Buim conta de seu encontro com Bajard em Marília (SP) e de seu conhecimento de pesquisas na França sobre a aprendizagem da linguagem, através de pensadores franceses como Chartier e FoauCambert. Nascia uma amizade que foi além das letras e pesquisas. Bajard faleceu em 2017, mas deixou Buim e sua esposa Adriana incumbidos da missão de colocar suas ideias em circulação através de um livro que responderia à indagação de inúmeros professores acerca do porquê os estudantes leem, mas não compreendem, e qual seria o equívoco do ensino-aprendizagem nos anos iniciais de estudo.

Nos primeiros três capítulos, Bajard nos coloca a par de uma investigação em uma escola localizada na periferia de São Paulo, a qual denominou Projeto Arrastão. A pesquisa visava entender como as crianças aprendem não somente a ler, mas também compreender aquilo que leem. As professoras trabalhavam a alfabetização das crianças a partir do nome, mas não da forma tradicional como a maioria das escolas o fazem, ou seja, elas alfabetizavam a partir do nome das crianças não com finalidade de identificar letras e transformá-las em fonemas, mas na sua integridade, na leitura do nome e identificação do seu significado, a pessoa a quem o nome se referia.

A criança com dois anos e meio recebia da professora, durante a “cerimônia do nome”, um crachá com sua fotografia (signo que ela já dominava), um totem (uma imagem, um símbolo) escolhido pela criança e o seu nome gráfico escrito em letra de imprensa (a primeira letra maiúscula e as demais minúsculas) e não em caixa alta, como geralmente acontece no início da alfabetização. Com esses três elementos no mesmo crachá, a criança se familiarizava com o signo, o símbolo e o nome gráfico, até que apenas o último reinasse absoluto no seu crachá, quando a criança já tivesse se familiarizado com ele, a ponto de não necessitar mais dos outros dois elementos para identificar o nome como seu. A ideia da pesquisa é a seguinte: a criança já recebeu desde o nascimento o seu nome sonoro pela família. O nome gráfico e a sua associação consigo são entregues à criança pela instituição escolar. Mas para que ela não vincule cada letra do nome a um fonema da língua para aprender a lê-lo, é necessário passar pelo signo (fotografia de si), o totem (imagem que ela aprende a associar ao signo) para que finalmente identifique o nome gráfico a ela mesma, sem a ajuda da fotografia e do totem. “Por esse ritual, o nome gráfico adquire uma finalidade equivalente à do nome sonoro: remete à consciência de si ou à dos colegas.” (2021, p.913). Segundo o autor, a representação do nome é um objeto central. O nome, nas sociedades letradas, adota a forma de enunciado, já que é um texto em si. Portanto, não é algo inusitado que a criança inicie a sua jornada no mundo do letramento por meio da leitura e escrita, através do nome.

No capítulo três Bajard nos leva a um outro ponto de sua pesquisa, em que as crianças de dois anos do Projeto Arrastão têm contato com a “primeira palavra”, outra cerimônia que visa inseri-las na sociedade letrada, mas desta vez por meio dos livros de literatura infantil. Nesse momento, o desafio é levar a criança a ler a palavra que está no livro, de modo que ela troque a escuta da história pelo mediador de leitura e das ilustrações, para o conteúdo gráfico. O mediador consegue isso por meio de perguntas que levam a criança a procurar no texto essa informação, compreendendo por si mesma aquilo que está escrito. Desse modo, a criança é instigada a ir além na sua leitura, buscando a compreensão do texto no próprio texto escrito, na leitura da palavra, e não apenas na vocalização do texto pelo mediador ou pelas ilustrações.

Nos capítulos IX e X, Bajard nos coloca uma importante questão, que trata da tipografia e fonologia, que pode também dificultar a compreensão da criança na leitura. Os leitores experientes não necessitam vincular a palavra escrita à sua forma falada, letra a letra ou sílaba a sílaba. Se as crianças pequenas, desde o início de sua escolarização, aprenderem o texto escrito sem precisar vincular cada som da língua à letra ou à sílaba, elas também conseguirão uma maior compreensão leitora, visto que conseguirão vincular o texto escrito diretamente ao seu significado. Por isso, a importância de não vincular o nome da criança na forma escrita ao nome sonoro, vinculando o fonema ao grafema.

No capítulo IX, são apresentados os aspectos essenciais do grafema e do caractere. O grafema está ligado ao sentido pelo fonema, enquanto o caractere está vinculado intrinsecamente ao sentido. Desse modo, é importante ter claro esses conceitos para não confundir grafema, fonema e caractere da língua e no momento do ensino não cair em equívocos, acreditando que ensinar o valor sonoro do caractere (letra) levará a criança à compreensão do texto no momento da leitura. Outra questão colocada na unidade é a do espaço em branco e o uso da letra maiúscula.

Segundo o texto, na idade média os monges copistas, pela dificuldade que tinham de copiar textos enormes em que as palavras não tinham espaçamento, trazendo limitação entre os grafemas para melhorar a compreensão, criaram o espaço em branco. Gutemberg, ao criar a imprensa, levou esse conceito para a escrita tipográfica. O espaço em branco, então, se tornou um caractere da língua, pois compõe uma unidade de sentido, tal qual os tipos que compõem as palavras, porém sem som. Segundo o autor, é necessário, para a compreensão leitora, o ensino do caractere “espaço em branco”, de forma que as crianças compreendam não apenas como uma convenção da escrita, mas como unidade de sentido durante a leitura do texto, assim como a acentuação e a pontuação.

No caso da letra maiúscula, temos uma maior legibilidade do que se as palavras fossem escritas apenas em caixa alta. A introdução da letra maiúscula aumentou as funções visuais, tornando a letra minúscula o caractere de base. A letra maiúscula, nesse caso, assume as seguintes funções discursivas: marcar o nome próprio, na medida em que distingue nomes de locais e personagens no texto; marcar os limites das frases, formando o parágrafo e os limites entre uma frase e outra dentro do mesmo parágrafo; e, por último, aumentar a percepção visual.

O autor nos mostra a importância do ensino da leitura com as letras maiúsculas e minúsculas desde o início da alfabetização, para que a criança obtenha maior legibilidade e compreensão daquilo que lê, visto que os textos que circulam no meio social são escritos na tipografia maiúscula e minúscula e não em caixa alta. Portanto, o ensino desde a tenra idade deve ser vinculado à forma como são lidos os textos socialmente e não de acordo com as convenções escolares, que procuram facilitar a vida da criança.

No capítulo X o autor analisa o uso do código fonológico e a questão de o sistema alfabético da língua portuguesa não possuir todas as correspondências fonográficas na língua escrita. Bajard discute sobre os diferentes sons utilizados pelo mesmo caractere, como por exemplo, o uso da letra S na palavra *sapo* e na palavra *rosa*. Essas discrepâncias na língua falada e na língua escrita dificultam a aprendizagem da leitura da palavra, se o objetivo for a correspondência do fonema ao grafema. Para esse trabalho em sala de aula é importante utilizar-se da ortografia, fazendo analogias entre as correspondências gráficas e fonológicas da língua. A ortografia da língua, por conter as irregularidades na escrita, leva em conta as correspondências fonológicas, auxilia a criança em fase de apropriação da língua escrita a analisar os caracteres que não possuem uma correspondência biunívoca, ou seja, através da analogia ela consegue efetivar na memória essas relações fonema-grafema, o que não dificulta a sua leitura da palavra.

Este é um livro denso, inquietante, que nos traz reflexões sobre a alfabetização e, por conseguinte, a forma como as crianças iniciam seu caminho na leitura e compreensão dos textos. O pesquisador nos faz refletir sobre novas possibilidades de ensino para a alfabetização, que incluam a criança no mundo letrado, sem que seja necessário utilizar a relação fonema-grafema para a leitura da palavra. Bajard recupera a História, desde a leitura silenciosa e a invenção do espaço em branco pelos copistas da idade média, passando pela invenção da imprensa e seus tipos, até o momento atual com a leitura nas telas dos computadores e smartphones, para nos fazer pensar no porquê a escola não utiliza os elementos que foram inventados para facilitar a leitura e escrita, tornando a aquisição dessas práticas pelos estudantes difícil e desvinculada do seu uso social. A obra tem como referências Vigotsky, Chartier e Faucambert, e seu cerne, inclusive as pesquisas do autor, partem na direção de encontrar a resposta àquela pergunta primeira “Eles leem, mas não compreendem. Onde está o equívoco?” nos instigando a encontrar tal resposta, perscrutando os métodos de ensino, principalmente o método fônico, tão em voga. Analisa a fundo a questão das correspondências fonema-grafema ensinadas em sala de aula, procurando discernir onde está o problema da falta de compreensão leitora nesse percurso. O autor utiliza-se dos estudos da Linguística e Semiótica para mostrar ao leitor outro caminho possível para levar as crianças pequenas à leitura fluente, que não seja utilizando o método fônico.

Este livro é recomendado aos estudantes de Letras, pesquisadores da área de Educação e linguistas, além de professores alfabetizadores que, com certeza, abrirão os olhos para uma nova perspectiva no ensino das primeiras letras a seus estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

BAJARD, Élie. *Eles leem, mas não compreendem: onde está o equívoco?*; organização e revisão dos manuscritos Dagoberto Buim Arena; Adriana Pastorello Buim. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2021, 5617 ePub.

Recebido em: 03/07/2023

Aceito em: 30/10/2023